

A temática da solidão em “O Barão nas Árvores” de Italo Calvino¹

The solitude theme in “O Barão nas Árvores” by Italo Calvino

Solange Maria Morais Teles²



Resumo

O Barão nas Árvores, de Italo Calvino, apesar de narrado na Idade Média, traz-nos a problemática das relações humanas, contrapondo essa situação à contemporaneidade, numa associação de imagens, mostrando o peso de em como uma educação rígida, a repressão, os valores sociais, agem no indivíduo, podendo causar isolamento, solidão. Isso, muitas vezes, decorre não apenas da impossibilidade de certos indivíduos se adaptarem ao seu ambiente, mas, principalmente, da fuga que esses mesmos indivíduos empreendem ao se recusarem a aceitar normas e valores do meio em que vivem.

Palavras-chave: **Família. Relações pessoais. Solidão.**

Abstract

The “Barão nas Árvores”, written by Italo Calvino, even though has been narrated in the Middle Age, brings the theme of human relations in a relationship brought to modern times, in an association of images, showing how the weight of a strict education, repression, social values, act upon the individual, that may cause isolation and loneliness. Manytimes, it results not only from the impossibility that certain individuals demonstrate in adapting themselves to their own environment, but also and mainly from the effort that they do, refusing rules and values inserted in the environment they live in.

Keywords: **Family. Personal relations. Loneliness.**

1 Introdução

A leitura do romance de Ítalo Calvino, “O Barão nas Árvores”, objeto deste estudo, procura revelar a solidão como sentimento inerente ao ser humano, independente de seu *status* social ou de suas crenças.

Este romance faz parte da trilogia denominada “Nossos antepassados”, juntamente com “O visconde partido ao meio” e “O cavaleiro inexistente”. Tais romances abordam problemas universais, representados como paródia de novelas cavalheirescas, com sutil humor, leveza e ironia, marcas constantes na obra de Calvino.

O romance é desenvolvido a partir de um núcleo comum, mas sua narração multiplica-se, partindo de

elementos com múltiplos significados possíveis, isto é, “um sistema dentro de sistemas”, em que cada sistema particular condiciona os demais e é condicionado por eles.

Por esse prisma, tenta-se relacionar a solidão na narrativa, já que esse sentimento nasce da dificuldade de comunicação nas relações humanas, como, de fato, vem representado nos episódios e cenas que informam a obra.

Observa-se que essa problemática é evidenciada no primeiro grupo social a que o homem pertence: a família. Como a família é, para a sociedade, absolutamente funcional, com sua organização e manutenção, como instituição, responde às necessidades

¹ Artigo a partir de um recorte da monografia da autora cujo título é o mesmo.

² Especialista em Literatura, Mestra em Linguística e Profª. dos Cursos de Comunicação Social e Letras da Universidade de Fortaleza. E-Mail: solangeteles@unifor.br

ditadas pelo desempenho de papéis sociais, daí, o indivíduo já começar a sentir a opressão do sistema, pois a família é um subsistema social, funcionando como um dos principais agentes da cultura, sendo que a vitalidade da própria sociedade está intimamente relacionada com a vitalidade da família, instituição a partir da qual foi criada. Por isso, o fisionomista José Ângelo Gaiarsa (Revista Isto é, 1995) afirma:

“Não existe família feliz, pois o sujeito sofre a ação de regras transindividuais, mas que é dotado de uma subjetividade que, nos dramas da mudança social em família, ocupa o centro do palco. A angústia, o mal-estar que resulta de tudo isso, faz com que o sujeito tenha definições radicalizadas de si mesmo, nas quais pode então se entrincheirar”.

2 O papel simbólico da figura paterna

A história apresenta o comportamento de uma família, ressaltando as dificuldades de comunicação oriundas de uma rígida disciplina, o que implica em vigilância constante, pois, sendo eminentemente tradicional, obedece rigorosamente à hierarquia familiar, isto é, parte da figura mais austera, a do pai, até aquela encarnada pelo filho mais novo, Biagio. A figura do pai, às vezes, é por demais rigoroso e impiedoso ao impor castigos severos no manter a disciplina, cavando um fosso nas relações, como demonstra a passagem a seguir:

“... descobriram o buraco no barril e entenderam logo que tínhamos sido nós. Papai foi nos buscar na cama, chicote de cocheiro em punho. Acabamos cobertos de marcas roxas nas costas, nas nádegas e nas pernas, trancados no quartinho miserável que funcionava como prisão” (p.14).

O entrincheiramento pode, também, ocorrer, devido à pregressa vida familiar, ou seja, o estigma herdado dos antepassados tem papel relevante na formação da personalidade do indivíduo e, de acordo com o grau de austeridade, contribuir, ainda, para os recalques, o isolamento e, como resultado disso, desaguarna na solidão. A respeito desses aspectos comportamentais, Naffar (1985) faz a seguinte consideração:

“[...] assim, pois, o que esse caso clínico nos ensina é que os antepassados, mesmo depois de mortos, permanecem como fantasmas inconscientes na vida das pessoas, a ditar normas de conduta e a produzir sintomas indecifráveis em si mesmos”.

Como se vislumbra no decorrer da narrativa, quando o Barão não consegue entender a nova realidade dos fatos históricos frustra-se; e vê-se atormentado pela esperança de se tornar Duque ou conseguir esse título de nobreza para o filho primogênito, ainda que vivendo numa época em que os nobres passam a residir em Vilas e vêem seus castelos transformados em feudos.

Esse conflito de natureza emocional é conseqüência de um momento histórico, cujos valores não são assimilados pelo Barão, que, sendo nobre, defende rigorosamente valores do passado. Um desses valores refere-se à legitimidade de governar, ou seja, um poder que só cabe aos aristocratas, uma vez que se julgam detentores de sangue azul. Não são, portanto, iguais aos indivíduos das classes inferiores, com as quais o Barão não tem a mínima intenção de conviver. Daí, observa-se uma sujeição psicológica em seu comportamento, traduzida pela impossibilidade total de se engajar à nova realidade social, resultando disso o isolamento social entre a família e seus conterrâneos:

“Estava sempre na cama e perdera todo o interesse pela vida. Não conseguira fazer nada do que pretendia, sobre o ducado não falava mais, seu primogênito estava sempre em cima das plantas, mesmo agora que já era homem, seu meio-irmão fora assassinado, a filha longe, se casara com gente mais antipática do que ela, eu era ainda muito criança para estar ao seu lado e sua mulher demasiado apressada e autoritária. Começo a delirar, a dizer que os jesuítas tinham invadido a casa e não podia sair do quarto e assim, cheio de amarguras e manias como sempre vivera, veio a morrer” (p.141).

E ainda:

“(...) Eu pensava que tínhamos ficado todos sempre distantes de papai, como Cosme nas árvores” (p.141).

Em decorrência de uma educação conservadora, o Barão é vítima de uma condição familiar e social que lhe foi imposta, para manter inalterável o *status quo*, sem ter sido, portanto, educado e preparado para atuar como agente de mudança. Daí sua inculpabilidade, pois não tem meios para reagir diante de todo o inconsciente coletivo responsável pela educação que lhe foi e continua sendo atribuída. O processo pelo qual passou e ainda parece passar a cultura de seus antepassados é, também, por demais marcante, na construção da personalidade e de novos caracteres. Conseqüentemente, não consegue interagir com o seu tempo, o que acaba por acentuar ainda mais seu comportamento desagregado e seus sentimentos de frustração, inconformismo e solidão.

3 A castração feminina

O comportamento observado no Barão é semelhante ao comportamento de Conradine (mãe), que também tem dificuldades de se adequar ao mundo doméstico, embora tais dificuldades resultem da opressão sob a qual vive, ou seja, num ambiente androcêntrico em que predomina sempre a figura do macho. Antes, em relação ao pai, um militar e, que, por isso mesmo, estendeu sua formação disciplinar ao seio da família.

Nessa sociedade opressora, a mulher tem de exercer o papel feminino, aceitando a condição de figura estereotipada e extremamente sensível, delicada, amorosa e altruísta. Tudo isso chega a culminar na expressão maior do instinto materno. De fato, Conradine, sair da dependência do pai, caprichos e à autoridade do marido. Nesta nova condição, não lhe resta nem mesmo o direito de alterar a forma que lhe foi imposta:

“(...) sempre fora uma mulherzinha de pele rosada e nariz arrebitado como a recordam-nos, mas mantivera a mesma paixão militar do pai, quem sabe como protesto contra o marido” (p.8-9).

Assimilando os valores e os costumes do seu tempo, Conradine tem, portanto, de demonstrar um comportamento próprio do sexo feminino, como por exemplo aceitar a condição de reprodutora, geratriz da prole. Sente-se infeliz ao tomar consciência da pobreza de horizontes em que se acha aprisionada e vê que muito do seu passado, como as viagens em que acompanhava o General Von Kurtewitz (seu pai), já ficaram para trás, restando-lhe o confinamento no mundo doméstico. Portanto, para fugir dessa realidade opressora, imagina um mundo interior exclusivamente seu, no qual se aliena, assumindo um modelo de soldado imaginário, que funciona como mecanismo de defesa e de satisfação do seu ego. É assim que finge ser uma imagem alheia, tentando superar problemas de natureza psicológica e social, forçosamente procurando adequar-se ao meio.

Com esta introspecção, tenta manter-se indiferente aos problemas familiares, que requerem dela uma participação mais afetiva e efetiva. Isto causa, evidentemente, certo ressentimento filhos, que não

entendem as razões desse comportamento; nem mesmo a família se dá conta desse mundo imaginário e bem pessoal que ela criara para si, como forma de vida e fuga:

“Então, pegava certas bandeirinhas coloridas que tinham ao lado do banquinho e sacudia uma depois da outra com movimentos decididos, ritmados, como mensagens de uma linguagem convencional. (senti um certo despeito, pois não sabia que mamãe possuía aquelas bandeirinhas e soubesse manejá-las, e certamente teria sido bom que nos tivesse ensinado a brincar de bandeirinha com ela, sobretudo antes, quando éramos menores os dois; mas mamãe nunca fazia as coisas de brincadeira, e agora era tarde” (p.47).

Como Conradine não demonstra maturidade emocional para se ajustar à realidade, sem que precise alienar sua conduta num modelo imaginário, usa a fantasia como válvula de escape para superar os conflitos interpessoais, causando o distanciamento dos filhos e do marido, submetendo-se a uma vida solitária:

“Devo dizer, apesar de todo o seu equipamento de batalha, continuava a ser mãe do mesmo modo, com o coração aflito e o lenço amassado na mão, porém, poder-se-ia dizer que fazer o papel de generala a descansasse, ou que viver esta apreensão nos trajas de generala em vez dos de uma simples mãe a impedisse de desmoronar, justamente por ser uma mulher delicada, que como defesa tinha aquele estilo militar herdado dos Von Kurtewitz” (p.47).

Toda essa trama social, marcada pela aparência interpessoal, torna-se extremamente difícil, uma vez que, isoladamente, embora convivendo em um mesmo ambiente, cada um procura, na medida do possível, meios para conciliar, de maneira satisfatória, o grau de depressão e solidão de que todos são acometidos. Esses sentimentos são gerados pela renúncia aos instintos, que a disciplina familiar impõe a seus membros, em prol da perpetuação da família.

4 Relação totêmica³

Do mesmo modo como o Barão e Conradine, na qualidade de tutores da família, procuram se adaptar à situação familiar, escondendo seus verdadeiros

³ O animal totêmico, para Freud, é uma substituição do pai, em relação a quem os filhos têm uma atitude afetiva ambivalente (hostilidade, e amor). Ao devorarem o pai, apropriam-se da sua força, mas daí também derivam o sentimento de culpa e o remorso, resultantes do crime coletivo. Será portanto a partir da culpa que esse estabelecerão as leis da solidariedade e a proibição do parricídio, indispensáveis para a existências das instituições sociais (apud. ARANHA, 1989, p.85).

sentimentos, os filhos também demonstram esse tipo de comportamento, como forma de tolerar a austera autoridade paterna. Batista, por exemplo, manifesta a angústia decorrente do autoritarismo paterno, exteriorizando a tensão nervosa de que é vítima, recorrendo a um tipo de culinária da qual bichos e insetos fazem parte:

“Seu ânimo triste extravasava sobretudo na cozinha. Era excelente cozinhando, pois não lhe faltava nem a diligência nem a fantasia, dotes elementares para qualquer cozinheira, mas era impossível imaginar que surpresas surgiriam à mesa quando ela punha as mãos na massa: certas torradas com patê, que ela havia preparado uma vez, finíssimas, para dizer a verdade, eram de fígado de rato e ela não dissera nada até que as tivéssemos comido e elogiado; isso para não falar das patas de gafanhoto, as traseiras, duras e serrilhadas, posta em forma de mosaico uma torta; e os rabinhos do porco assados como se fossem roscas; e daquela vez que cozinhou um porco-espinho inteiro, com todos os espinhos, quem sabe por que razão, só para nos impressionar, quando foi levantado o abafador, pois nem ela, que sempre comia todo tipo de porcaria que houvesse preparado, quis prová-lo, embora fosse um filhote, rosado, certamente macio” (p.10-12).

Para Batista, na condição de filha mulher, é duplamente difícil questionar as ordens paternas, uma vez que nem mesmo aos filhos homens isso é permitido. Batista vive numa época em que a mulher não tem papel social, é pouco instruída, de educação elementar, pertencendo, portanto, ao direito paterno, casá-la ou encerrá-la num convento sem consulta. Sendo assim, a ela caberia apenas resignar-se e cumprir as ordens que lhe são endereçadas.

“(…) assim, nossa irmã acabou enterrada em casa, com trajes de monja, mesmo sem ter feito votos nem de terciária, dada a sua duvidosa vocação” (p.11).

A tensão emocional sob a qual vive faz Batista desenfrear um comportamento, sobretudo íntimo, marcado pela revolta. Essa tensão não é vista de frente, mas recalcada e disfarçada, decorrente da severidade dos costumes, de não poder contestar o poder paterno nem contar com o apoio da mãe, uma vez que esta é sempre omissa na relação pai-filho. Batista catalisa sua frustração através de um *menu* vingativo, preparado para a família. Desse modo, diante do estado de descontentamento em que sempre vive, castiga aqueles do seu convívio, satisfazendo, de certa forma, seu ego revoltado:

“Contudo, aquela alma penada que era Batista percorria a casa inteira de noite caçando ratos, segurando um candelabro e com a espingarda debaixo do braço” (p.13).

5 A ruptura

Pode-se observar que as relações familiares não são harmoniosas e muito menos serenas, pois são agidas por indivíduos de sexo, idade e posições sociais diferentes, vivenciando um constante jogo de poder, que se solidifica na distribuição dos direitos e deveres de cada um.

Quando a família se reúne, geralmente na hora da ceia, manifesta-se uma série de queixas verbalizadas:

“(…) assim, dava para entender por que a mesa era o lugar em que vinham à luz todos os antagonismos, as incompatibilidades entre nós e também todas as loucuras e hipocrisias; e por que justamente à mesa se determinasse a rebelião de Cosme” (p.8).

Daí vem a vantagem da discussão, pois nela todos podem até infringir as regras, quando estas se tornam ultrapassadas ou insuportáveis. Essa “infração” é uma forma de crescimento, uma contestação que muda a ordem das coisas. Mas, nem sempre isto é possível, pois, com a pessoa de Cosme dá –se a ruptura. De fato, para protestar contra o regime autoritário paterno ou contra a sociedade, ele adota um tipo de vida extremamente oposto ao da família e passa, portanto, a viver sobre árvores:

“Desse acúmulo de ressentimentos familiares só me dei conta depois: naquela época eu tinha oito anos, tudo me parecia um jogo, a guerra dos meninos contra os adultos era de sempre, a de todos os moleques, não percebia que a teimosia de meu irmão era algo de mais profundo” (p.6-7).

“(…) Foi numa dessas brincadeiras que teve origem para Cosme uma das maiores razões de briga com os genitores, porque foi punido injustamente, acha ele, e, desde então, incubou um rancor contra a família (ou a sociedade? Ou o mundo em geral?) que se expressou depois na sua decisão de 15 de junho” (p.9-10).

Com essa decisão, Cosme passa a expressar seu antimaterialismo e sua rejeição aos comportamentos idealizados. Mas, como toda escolha supõe a preferência por algo, em detrimento de outra coisa, Cosme renuncia a viver junto a seus familiares.

Ao se decidir por tal opção, passa a ser considerado louco pelos aldeões, pois, quando é patente um desvio de comportamento pessoal em relação a uma norma sancionada pela família e pela sociedade, é-se considerado louco. Para Pereira (1982), apesar do conceito de loucura não ser uma questão fechada, ele afirma que o sintoma mental está intrinsecamente ligado ao contexto social, ou melhor, à sintomatologia, ponto de partida do psiquiatra para a conceitualização de qualquer forma de doença mental, enraizando-se esta na vida social.

“Que Cosme era louco, em Penumbria sempre se disse, desde quando, aos doze anos, subira nas árvores recusando-se a descer. [...]” O barão enlouqueceu!”, e os bem pensantes acrescentavam: “Como pôde enlouquecer alguém que sempre foi louco?” (p.209).

Essa atitude de Cosme demonstra a fuga de uma realidade objetiva para outra, de caráter subjetivo, em decorrência de sua insatisfação diante do mundo das aparências; tenta se opor a forças poderosas, advindas da sociedade. Aí reside o tênue fio entre a razão e a loucura, de modo a dar origem a sentimentos angustiantes.

6 A memória, a lei⁴

Tem-se verificado, até aqui, que os protagonistas, apesar de viverem sob o peso opressor das normas vigentes na sociedade da época, tentam superá-las, empregando mecanismos de adaptação na construção de seus ajustes sociais. Mas, em relação a Biágio, o caçula e narrador da história, isso ocorre de maneira diferente: é o único da família que segue o modelo familiar de acordo com as normas da sociedade. Para dar prosseguimento aos negócios e ao *status* social da família, incorpora a figura do indivíduo contido, polido, bem educado, cuja norma ideal é o comportamento reprimido:

“Confio meus pensamentos a este caderno, nem saberia exprimi-los de outra maneira: fui sempre um homem tranqüilo, sem grandes entusiasmos ou idéias fixas, pai de família, de nobre estirpe, iluminado em idéias, cumpridor das leis. Os excessos da política jamais me provocaram comoções muito fortes, e

espero que continue assim. Mas por dentro, que tristeza!” (p.250).

Esse comportamento de Biágio segue um padrão de comportamento de filho caçula, recalcado pela personalidade do primogênito. Assim, Biágio assume uma postura diferenciada dos demais membros da família, acreditando, inconscientemente, que não se sobressairia agindo de igual forma, posto que, de certo modo, eles conseguem, por meio de seus devaneios, ajustar-se, para que possam atuar papéis contraditórios impostos pelo mundo social, ainda que em oposição ao imaginário de cada um. Mas, por mais que ele tente exercer livremente sua natureza racional, aceitando valores e ou falsos valores da realidade em que se encontra, isso, às vezes, suscita em Biágio a vontade de transgredir as regras rígidas que o levam a viver num condicionamento cultural e social, sentenciando-o a uma vida de solidão interior:

“(...) eu invejava Cosme, que vivia os seus dias e as suas noites na clandestinidade, escondendo que sabe em que bosques” (p.230).

7 Considerações Finais

Esta obra de Ítalo Calvino, **O Barão nas Árvores**, procura focalizar as dificuldades surgidas nas relações interpessoais dos membros de uma família e, conseqüentemente, os problemas oriundos destas relações, principalmente a questão da solidão, que cada personagem traz consigo.

Num processo de associação de imagens, o romance mostra o peso de em como a educação rígida, a repressão, os valores sociais, agem sobre o indivíduo, podendo causar seu isolamento, muitas vezes decorrente não apenas da impossibilidade de certos indivíduos se adaptarem ao seu ambiente, mas, principalmente, da fuga que esses mesmos indivíduos empreendem de modo a recusarem normas e valores do meio em que vivem.

O Barão nas árvores traz a lume problemática das relações humanas, contrapondo essa situação à contemporaneidade, quando a nova geração tenta se posicionar mediante suas verdades. Muitos adultos se sentem agredidos pelos filhos, que estes não seguem as

⁴ Retirado do texto de Clastres (in ARANHA, 1989. p.95) que diz: (...) A lei, inscrita sobre os corpos, afirma a recusa da sociedade primitiva em correr o risco da divisão, o risco de um poder separado dela mesma, de um poder que lhe escaparia. (...) Substância inerente ao grupo, a lei primitiva faz-se substância do indivíduo, vontade pessoal de cumprir a lei.

regras sociais e culturais. Como afirma Guareschi (1990), a educação supõe que a pessoa possua potencialidades próprias, que vão sendo atualizadas, colocadas em ação e desenvolvidas através do processo educativo, mas não de maneira a ser conduzida para suprir as necessidades do sistema, o que acaba por causar grande dano psicológico ao indivíduo, que passa a ter dificuldades de ajustamento ao meio social. Contudo, os adultos ignoram que, às vezes, a guerra pelo espaço físico é a luta pelo espaço psicológico de que alguém da família pode estar precisando, para crescer, desabrochar, dar forma a sua identidade.

Aí reside a vantagem, discussão e da busca pela clareza, pois só assim os atores sociais (pai, mãe, filhos, etc.) procuram satisfazer, da melhor forma possível, suas necessidades de afeto, comunicação, união entre os sexos e as gerações. É importante, principalmente, manter o diálogo e a confiança, pois o Homem não tem estrutura psicológica para viver em estado de solidão, ou seja, sem ter com quem dividir seus anseios mais íntimos, porque a solidão não é doença, mas causa de muitos males mal entendidos.

Apesar de pesado e denso, o livro de Calvino consegue transmitir, com leveza, a abordagem proposta. O próprio autor define seu trabalho em seu livro **Seis propostas para o próximo milênio** (1990), confessando esforçar-se por tirar peso, ora às figuras

humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades e, sobretudo, à estrutura da narrativa. Isto torna prazerosa e lúdica a leitura do romance analisado, opondo o mundo do mágico libertário de Cosme à opressão sob a qual vivem os demais personagens, transformando a realidade em cativante fábula.

Referências

- ARANHA, M. L. A. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1989.
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GAIARSA, J. A. Mamãe é uma doença. *Isto É*, São Paulo, v. 1329, p. 5-7, mar. 1995.
- GUARESCHI, P. A. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1990.
- NAFFAH NETO, A. *O inconsciente: um estudo crítico*. São Paulo: Ática, 1985.
- PEREIRA, J. A. F. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Data do aceite: 2005.